

Ou “(Ela) me fez mal”

EU ME PERGUNTO SE NÓS deveríamos começar com as apresentações.

Eu sei quem você é. Você é a pessoa que está lendo isso. Por qualquer razão, e em qualquer lugar, esse é você, e logo nós seremos amigos, e você nunca me convencerá do contrário.

E eu?

Eu sou Jason Priestley.

E sei o que você está pensando. Você está pensando: Meu Deus! Você é o mesmo Jason Priestley, nascido no Canadá em 1969, famoso pelo papel de Brandon Walsh, personagem central da popular série americana *Barrados no Baile*?

E a resposta surpreendente para essa sua pergunta bastante sensata é não. Não, não sou eu. Eu sou o outro. Sou o Jason Priestley de 32 anos que mora na Caledonian Road, em cima de uma loja de *video game* entre uma agência de notícias polonesa e aquele lugar que todo mundo pensa ser um bordel, mas não é. O Jason Priestley que desistiu do seu trabalho de representante-chefe de departamento em uma escola ruim, no norte de Londres, para perseguir um sonho de ser jornalista depois que sua namorada o deixou, mas que terminou solteiro e frequentador de restaurantes baratos, e espectador de filmes horríveis e, portanto, pode escrever sobre

esse tipo de filme naquele jornal gratuito que te entregam no metrô e que você pega, mas nunca lê.

É. *Aquele* Jason Priestley.

Também sou o Jason Priestley com um problema.

Veja você, bem na minha frente — exatamente aqui, nesta mesa — está uma caixa de plástico pequena. Uma caixa de plástico pequena que considero uma caixa de plástico pequena que poderia *mudar* as coisas. Ou, pelo menos, *fazê-las diferente*.

Agora, eu faria diferente.

Não sei o que há nesta caixa de plástico pequena, nem sei se algum dia saberei. *Este é* o problema. Eu *poderia* saber; eu poderia abri-la, analisar seu conteúdo e saber de uma vez por todas se há alguma... *Esperança* nela.

Mas se eu fizer isso e descobrir que *há* esperança nela, o que vai acontecer? Só um pouco de esperança? E se essa esperança não for nada?

Porque uma coisa que odeio com relação à esperança — o que desprezo nela, aquilo que ninguém parece *admitir* sobre ela — é que, de repente, ter esperança é a rota mais fácil para escapar da desesperança.

E aquela esperança já está dentro de mim. De alguma forma, sem o meu convite para que ela entrasse ou sem a minha espera por ela, ela está lá, e baseada em quê? Em nada. Nada além da olhada que ela me deu e a visão de relance que eu tive de... *Alguma coisa*.

Eu estava parado na esquina da Charlotte Street quando tudo aconteceu.

Acho que eram seis horas, e uma garota — é, porque você e eu sabemos que tem uma garota; tinha que ter uma garota; sempre tem uma garota — estava brigando com a porta do táxi preto e segurando uns pacotes. Ela usava um casaco azul e sapatos bonitos, e as sacolas brancas tinham coisas escritas que eu nunca tinha lido antes, além de caixas e um cacto quase caindo de uma sacola da Heal.

Eu estava prestes a passar reto por ela, porque é o que se faz em Londres, e, para ser honesto, quase passei. Mas ela quase deixou o cacto cair... Com os pacotes todos tortos, ela teve de se curvar para mantê-los nos braços, e foi nesse momento que percebi que havia alguma coisa doce, pequena e frágil com ela.

E então ela pronunciou umas palavras que nem contarei aqui, pois sua avó pode passar e pegar esta página para ler.

Segurei um sorriso e olhei para o motorista, mas ele não reagiu, apenas ouvia o programa de esportes no rádio e fumava; e então — não sei por que, pois, como eu já disse, isso é *Londres* — perguntei se poderia ajudá-la.

E ela sorriu para mim. Um sorriso inacreditável. De repente sinto toda masculinidade e confiança, como um faz-tudo que sabe exatamente qual prego comprar, e seguro seus pacotes e algumas de suas sacolas, e ela está pegando outras sacolas que parecem ter brotado de dentro do táxi, e está dizendo “*Obrigada, é muito gentil da sua parte*”, e então acontece aquele momento. O olhar de relance, rápido, para aquela *alguma coisa* que mencionei. E me pareceu um começo. Mas o motorista estava impaciente, o ar da noite gelado, e acho que nós éramos muito britânicos para dizer qualquer coisa a não ser aquele “*Obrigado*” e dar um sorriso novamente.

Ela fechou a porta e vi o táxi partir, as luzes desaparecendo pela cidade e, no chão, atrás delas, a esperança se arrastando para longe.

Então, quando o momento parecia ter acabado, olhei para baixo.

Eu tinha algo em minhas mãos.

Uma caixa de plástico pequena.

Eu li as palavras impressas na frente.

Câmera Descartável 35 mm.

Eu queria gritar para o táxi, sacudir a câmera no alto e ter certeza de que ela sabia que tinha deixado alguma coisa para trás. Por um segundo eu estava cheio de ideias — talvez, quando ela voltasse correndo, eu oferecesse um café e então concordaria quando ela dissesse que *realmente* precisava de uma boa taça de vinho, e pegaríamos uma garrafa, pois financeiramente faz mais sentido pegar uma garrafa, e perceberíamos que não deveríamos estar bebendo de estômago vazio, e, então, abandonaríamos nossos trabalhos e compraríamos um barco e começaríamos a fazer queijo no campo.

Mas nada aconteceu.

Nenhuma freada de pneu, nenhuma parada para mudança brusca da marcha, nada da luz de ré acender, nenhuma corrida ou garota sorridente com seus sapatos bonitos e um casaco azul.

Apenas outro táxi que parou e um homem gordo que desceu no caixa eletrônico.

Você entende o que quero dizer sobre esperança?

— AGORA, ANTES de continuarmos — Dev disse, segurando o rolo de filme e batendo nele gentilmente com seu dedo. — Vamos falar do nome. “Altered Beast.”

Eu estava olhando fixamente para Dev, daquele jeito que imagino ser bastante inexpressivo. Não importava. Em todos esses anos, desde que o conheço, duvido que ele tenha visto diferentes expressões minhas, a não ser a minha inexpressividade. Provavelmente ele acha que sou o mesmo desde a universidade.

— Agora, evoca-se não apenas misticismo, é claro, mas também *intriga*, engrenando tanto a cultura romana quanto a mitologia grega.

Eu me virei e olhei para Pawel, que parecia meio traumatizado.

— Agora, o interessante sobre os efeitos sonoros — Dev disse e apertou um botão no seu chaveiro. Um som fino e distorcido soou como se *estivesse* tentando dizer “*Levante-se do seu túúmulo!*”.

Levantei minha mão.

— Sim, Jase, você tem uma pergunta?

— Por que você tem esse som no seu chaveiro?

Dev suspirou e fez uma cena.

— Ah, me desculpe, Jason, mas estou *tentando* explicar para Pawel sobre a evolução dos jogos do Sega Mega Drive no final da década de 1980 e início da de 1990. Desculpe-me por não estarmos atendendo à sua paixão pessoal em relação ao trabalho da dupla de músicos americanos Hall & Oates, mas não é por isso que Pawel está aqui, é?

Pawel apenas sorriu.

Pawel sorri bastante quando visita a loja. Ele geralmente vem buscar o dinheiro dos almoços que Dev deve para ele. Às vezes, observo seu rosto enquanto ele caminha por todas as partes, rendendo-se às antiguidades, pôsteres desbotados do *Sonic 2* ou *Out Run*, pegando cartuchos lascados e cópias gastas de revistas velhas, folheando críticas de plataformas que não

existem mais ou *shoot-em-ups*¹, que parecem ter sido desenhados por crianças. Dev deixou que ele pegasse emprestado um Master System e uma cópia de *Shinobi* outro dia. O que acontece é que não se conseguiam muitos Master Systems no meio dos anos 1980 no Leste Europeu, e muito menos ninjas. Nós não o deixaremos pegar emprestado o Xbox, pois Dev disse que seus olhos poderiam explodir.

— De qualquer forma — Dev disse —, o nome desta loja, Power Up!, deve sua existência a isso.

E começo a perceber o que Dev está fazendo. Ele está tentando *afastar* Pawel dali. Dominar a conversa. Intimidá-lo até sair, do jeito que os homens com conhecimento fútil geralmente fazem. Jogar frases do tipo “Ah, você não *sabia* disso?” ou “Claro, você *já* vai ficar sabendo...”, para tratá-lo com condescendência, frustrar e vencer.

Ele não deve ter dinheiro suficiente para o almoço.

— Quanto ele te deve, Pawel? — perguntei, procurando uma nota de cinco no meu bolso.

Dev sorriu para mim.

EU AMO Londres.

Amo tudo aqui. Amo os lugares, os museus e as galerias. Mas também amo a sujeira, a umidade e o mau cheiro. OK, bem, eu não quero dizer *amor* exatamente. Mas não me importo. Não mais. Não agora que estou acostumado com isso. Você não se importa mais com nada quando já está acostumado. Nem com o grafite que você encontra na sua porta na semana seguinte à que você a pintou, nem com os ossos de galinha e garrafas de cidra que tem de jogar fora antes de sentar para um piquenique úmido e enlameado. Nem com as constantes mudanças dos restaurantes *fast-food*, AbraKebabra para Pizza the Action para Really Fried Chicken, e tudo na rua principal que nunca parece diferente apesar destes três novos nomes. Seu falso brilho pode ser reconfortante, sua obstinação, inspiradora. Essa é a Londres que vejo todos os dias. Quero dizer, os turistas veem a Dorchester.

¹ Subgênero de jogos de tiro (N.T.).

Eles veem a Harrods, e veem homens em pele de urso e a Carnaby Street. Raramente veem a Happy Shopper na Mile End Road, ou uma casa noturna sem graça em Peckham. Eles vão diretamente para o palácio de Buckingham, e veem a bandeira vermelha, branca e azul se agitando, enquanto nós, o resto, pedimos *dansak* do palácio Tandoori, assistimos ao Simply Red, White Lightning e Ducan da banda Blue.

Mas também deveríamos nos orgulhar disso.

Ou, pelo menos, nos acostumarmos com isso.

Você pode encontrar um pedaço da Polônia ao final da Caledonian Road, assim como Portugal na Stockwell, ou a Turquia por toda a Haringey. Com a chegada das lojas, Dev tem usado sua hora de almoço para explorar toda essa nova cultura. Ele também era assim na universidade, quando encontrou uma garota boliviana na Boomboom, a melhor casa noturna de Leicester. Eu estudava inglês há mais ou menos um mês; Dev estudava espanhol das Américas. Toda noite ele entrava na internet e esperava dez minutos até que a página carregasse, e depois a imprimia e memorizava um estoque de frases em espanhol, com a esperança de reencontrá-la, mas ele nunca mais a viu.

— Destino! — ele diria. — Ah, destino!

Agora tudo era sobre a Polônia. Ele devora o queijo *Z szynka* dizendo ser o melhor queijo que já experimentou, ignorando o fato de que o queijo era processado, vinha em pequenos pacotes de plástico e tinha o *mesmo* sabor do Dairylea. Ele compra *Krokiety* e *Krupnik* e mais queijo, e uma fatia grossa deformada e sem gosto de um presunto cor-de-rosa sintético e brilhante. Uma vez ele comprou uma raiz de beterraba, mas não comeu. Além disso, no fim do dia ele fará com que algum cliente o veja com alguns *Paczki* e uma taça de *Jezynowka*. E quando ele conseguir deixar tudo à vista e eles perguntarem o que ele tem em suas mãos, ele irá dizer: “Ah, é maravilhoso. Vocês nunca comeram um *Paczki*?”, e então ele se sentirá todo internacional e cheio de si, pelo menos um pouco.

Mas ele não faz isso para se exibir. Não mesmo. Ele tem um bom coração, e acredito que ele ache que está sendo receptivo e instrutivo. Entretanto, essa é a maneira mais preguiçosa de turismo que há. Não conheço mais

ninguém que simplesmente se senta, joga *video game* e espera que o mundo venha até ele, trazendo uma nova onda que ele gosta de chamar de “novidades”. Ele quer ver o mundo, é o que ele dirá para você, mas ele prefere ver tudo da janela de sua loja.

Vêm pessoas de todo lugar para comprar aqui. Homens tentando recuperar a juventude ou completar uma coleção, ou encontrar aquele jogo que eles zeravam. Há produtos novos, claro, mas são apenas para a sobrevivência. Não é por causa deles que as pessoas aparecem. Mas quando vêm por isso, logo Dev menciona Makoto Uchida, o que é, normalmente, o suficiente para estabelecer sua superioridade e assustá-las, e talvez elas comprem uma cópia de *Decap Attack* ou *Mr. Nutz* por 6 reais, mas, provavelmente, não.

Dev não vende quase nada, mas “quase nada” parece ser o suficiente. O pai dele é dono de alguns restaurantes na Brick Lane e mantém as contas em dia, e o que vem de extra Dev gasta com *Szazinska*. Para ser sincero, ele tem sido bom para mim, então eu não deveria julgá-lo. Perdi minha namorada e um apartamento, mas ganhei um colega de quarto e praticamente nenhum aluguel em troca de alguns turnos à tarde e um fornecimento semanal de *Krokiety*.

Falando nisso...

— CERTO, NÓS temos *Zubr* ou *Zywiec*, pode escolher! — Dev disse, segurando as garrafas. Eu não sabia se conseguiria pronunciar os nomes, então aponte para um com o menor número de letras.

— Ou eu acho que tenho um pouco de *Lech* em algum lugar — ele disse, pronunciando “Letch” e dando uma risadinha. Dev sabe que se pronuncia “Leck”, pois ele perguntou a Pawel, mas ele prefere dizer “Letch” para dar risadas depois.

— *Zubr* está bom — eu disse, coisa que eu nunca tinha dito antes, e ele arrancou a tampa e passou a garrafa.

Eu me peguei olhando no espelho atrás dele.

Eu parecia cansado.

Às vezes, eu me olho e penso “É isso?”, e então penso “Sim, é isso”. Essa é literalmente a sua melhor aparência. Amanhã, você estará um pouco pior,

e é assim que vai ser, para sempre. Você definitivamente deveria comprar um pouco de Berocca.

Tenho o corte de cabelo de um homem aos 30 anos. Até recentemente, eu usava camisetas descoladas e irônicas, mas percebi que a verdadeira ironia era que elas me faziam parecer menos descolado.

Estou muito velho para fazer experimentos com meu cabelo, mas muito jovem para ter encontrado o estilo que levarei para o túmulo. Sabe, aquele estilo, aquele que todos nós procuramos, se tivermos sorte o suficiente para ainda ter algum cabelo sobrando. Cabelo simples e sem cor, é esse o estilo que vemos em todo homem vestido com uma camiseta enorme durante suas férias no café da manhã de um *resort*, com tudo incluso, rodeado de crianças desagradáveis e uma esposa agressiva que se esforçou exclusivamente para arruinar as ambições dele, da mesma maneira que seu corte de cabelo fora arruinado.

Digo isso com ar de superioridade, como se minhas ambições fossem heroicas e valiosas. Sou um homem entre estilos, isso é tudo, e há milhões como eu. Estou naquele estágio estranho entre o homem nos seus 20 anos e o homem nos seus 40. Um estágio que chamo de “o homem aos seus 30”.

Às vezes, me pergunto o que a legenda na parte de baixo da minha foto na revista *Vanity Fair* dirá quando eu escrever a história da capa e eles decidirem ter muita consideração comigo:

Cabelo por Angela, no Toni & Guy, perto da estação de metrô Angel, embora os dedos dela tenham cheiro de nicotina e ela diga “perguntar” em vez de “preguntar”.

Perfume: Lynx Africa (para homens). Nove reais, nas lojas Tesco Metrona Charing Cross.

Relógio: Swatch (“Foi uma compra impulsiva no aeroporto de Gênova”, ele confessa, sorrindo e pegando sua salada niçoise. “Nosso avião estava três horas atrasado e eu já tinha comprado um Toblerone!”).

Roupas: do próprio modelo (agradecimentos a Topman Vip cartão com 10% de desconto, disponível gratuitamente para qualquer pessoa no mundo).

MAS EU NÃO SOU tão ruim assim. Uma modelo espanhola, que encontrei num bar espanhol na Hanway Street e com quem tive um relacionamento passageiro, me disse que eu era “bastante inglês”, o que interpretei como se eu fosse Errol Flynn, embora eu tivesse descoberto depois que ele era australiano.

— Que dia... — Dev disse, suspirando um pouco demais para um homem que não pode ter tido um dia tão difícil assim. — E você? E o seu?

— É — eu disse. — Sabe, não tão ruim — mas eu quis dizer o oposto.

Tem sido ruim desde que me levantei. O leite estava azedo, mas isso não é tão fora do normal, o carteiro bateu com força na nossa caixa de correio, mas o ápice foi quando, com um aperto grave do meu estômago, liguei meu *laptop* e fui direto ao Facebook, mesmo *sabendo* que uma coisa desse tipo fosse acontecer e vi aquelas palavras, as palavras que eu *sabia* que iria ver: ... *ela está no melhor momento de sua vida.*

Oito palavras.

Um *status* atualizado.

E ao lado, o nome de Sarah, tão fácil de clicar.

Então, cliquei. E lá estava ela. Tendo o melhor momento de sua vida.

Para, eu pensei. Chega. Levanta e toma banho.

Então, cliquei nas suas fotos.

Ela estava em Andorra. Com Gary. Vivendo o melhor momento da sua droga de vida.

Eu fechei o *laptop* com força.

Ela não se importou com a possibilidade de eu ver isso? Ela não percebeu que isso viria diretamente na minha tela, diretamente no meu estômago? Essas fotos... Tiradas do lugar e do ângulo que *eu* costumava vê-la. Mas agora não sou *eu* por trás da câmera. Não sou *eu* capturando o momento. Essas lembranças não são *minhas*. Então, não as quero. *Não quero* vê-la bronzeada, feliz e de vestido. *Não quero* vê-la do outro lado da mesa com um drinque e um sorriso no rosto. *Não quero* procurar e engolir os detalhes minúsculos, inúteis e dolorosos, eles dividindo uma marguerita, os cachos do cabelo dela iluminados pelo sol, e sem o colar que eu tinha dado para ela, eu não queria ver *nada* daquilo. Mas abri o *laptop* novamente e olhei de

novo; mesmo assim, analisei os dois, prestei atenção em *tudo*. Não pude evitar. Sarah estava tendo o melhor momento de sua vida e eu estava... Bem... O quê?

Olhei para ver qual tinha sido *minha* última atualização.

Jason Priestley está... *Tomando sopa*.

Jesus! Que bom partido! Ei, Sarah, sei que você está tendo o melhor momento de sua vida e tudo mais, mas não se esqueça de que na quarta-feira passada eu estava tomando sopa.

Por que não a deletei? Arranquei-a daqui? Assim tornaria a internet um lugar seguro novamente... É pelo mesmo motivo que ainda mantenho uma foto dela em minha carteira. Aquela do dia em que ela apareceu no seu primeiro dia de trabalho, olhos azuis grandes e uma Louis Vuitton. Eu não fui forte o bastante para tirá-la ou jogá-la fora. Pareceria o... Fim. Como se eu estivesse desistindo ou algo do tipo. Mas a realidade é: no fundo, eu sabia que um dia *ela* iria *me* deletar. E assim seria, e não seria minha decisão, e então eu estaria ferrado. Uma parte de mim tinha esperança de que ela não faria isso — de que em algum lugar, em sua bolsa cheia de maquiagem, com uma revista *Grazia* e lenço de papel, em algum lugar daquela bolsa teria uma foto *minha*...

E aí vem a esperança novamente.

Mas, então, um dia a esperança será cruel e desaparecerá, e serei esquecido, provavelmente antes de ela decidir ir morar com Gary.

Provavelmente estarei sentado, sozinho, quando ela me deletar. Numa sala cinzenta com um edredom da Paddington, em cima de uma loja de *video game* perto daquele lugar que todos pensavam ser um bordel, mas não era. Uma meditação momentânea, pode-se dizer. Olhando fixamente para uma tela que informa que não posso mais fuçar na vida dela. Que não sou mais considerado ilustre para ver suas fotos, para ver quem são seus amigos, para descobrir quando ela está de ressaca, ou com sono, ou atrasada para o trabalho. Que *ela* não está mais interessada em saber quando *eu* estou tomando sopa.

Minha vida.

Deletada.

Miséria.

Bem... Poderia ser pior.

Poderíamos estar sem *Zubr*.

UMA HORA DEPOIS, nós estávamos sem *Zubr*.

Dev tinha sugerido o Den, um minúsculo pub irlandês próximo à loja que aluga ferramentas, na metade do caminho descendo para o King's Cross, e eu disse "por que não?". Nunca se sabe. Posso ter o melhor momento da minha vida.

— Ah! — Dev disse, sacudindo a mão no ar. — Quem quer ir para Andorra? O que tem de bom em Andorra?

Os The Pogues estavam tocando e estávamos um pouco embriagados.

— O cenário. Compras isentas de impostos. O fato de existir dois comandantes de Estado, sendo eles o rei da França e um bispo espanhol.

Uma pausa.

— Você estava na Wikipédia, não estava?

Eu assenti com a cabeça.

— *Existe* um rei na França? — Dev perguntou.

— Então, é presidente, eu não me lembrava. Tudo o que sei é que é um lugar que você vai e tem o melhor momento da sua vida. Com um homem chamado Gary, pouco antes de você ter alguns Garyzinhos, todos eles irão parecer bebezinhos desalmados e, então, você comprará um barco e produzirá queijo no campo.

— Do que você está *falando*? — Dev perguntou.

— Sarah.

— Ela está tendo bebezinhos desalmados?

— Provavelmente — eu disse. — Provavelmente agora mesmo ela esteja colocando mais um para fora. Eles vão dominar o mundo, seus bebês desalmados. Eles se espalharão e se multiplicarão, como no filme *Aracnofobia*. Eles grudarão no rosto das pessoas e baterão nelas com suas mãozinhas.

Dev considerou minhas palavras sábias.

— Você não era assim — ele disse. — Pra onde você foi? Quem é esse cara irritante parado do meu lado?

— Sou eu — eu disse. — Sou o Senhor Irritante. Liguei para casa semana passada e minha mãe disse: “Você nunca vem para Durham, por que você nunca vem para casa em Durham?”.

— E, então, por que você nunca vai para Durham?

— Por que trará muitas lembranças, não é? Como dar um passo para trás. Preciso me acertar em Londres antes de voltar. De qualquer maneira, Sarah não tem esse problema. Ela terá bebezinhos desalmados.

— Eu não acho que ela terá bebês desalmados. Pensei que o Gary trabalhasse com investimento bancário.

— Isso não significa que ele não vá ter bebês desalmados — eu disse, apontando o dedo para o ar para mostrar que não aceitaria nenhuma forma de oposição àquilo. — Ele é *exatamente* o tipo de homem que terá um bebê desalmado. Um pequeno *skinhead*. Que fica sempre gritando.

— Mas é só um *bebê* — Dev disse.

— Tanto faz — eu disse. — Só não vá alimentar um deles depois da meia-noite.

Houve um breve silêncio. Uma música do AC/DC começou. Minha favorita. “Back In Black”, a melhor música de rock do seu tempo. Fiquei momentaneamente alegre.

— Vamos tomar outra dose — eu disse. — *Zubr!* Ou *Zyborg!*

Mas Dev estava me olhando, e de maneira muito séria.

— Você deveria deletá-la — ele disse, calmamente. — Apenas delete ela. Acabe com isso. Deixe o Sr. Irritante para trás, porque Sr. Irritante está perigando virar Sr. Detetive. Não sou nenhum *expert*, mas tenho certeza de que é o que diriam a você no *This Morning*, se você telefonasse e perguntasse a uma daquelas senhoras que resolvem problemas.

Concordei.

— Eu sei — eu disse, triste.

— ISSO TEM 2000 CALORIAS! — disse Dev. — Duas mil! Eu li no papel!

— Você leu isso no *meu* papel — eu disse. Após várias doses no Den, nós tivemos “aquilo para o qual viemos” e paramos no *Oz’s* para um *kebab* no caminho para casa. — Fui eu que mostrei isso a você e disse “Leia isso! Está dizendo que o *kebab* tem 2000 calorias!”.

— Onde quer que eu tenha lido, só estou dizendo que 2000 calorias é muito para um *kebab*. Mas eles fazem bem para a saúde também.

— Como eles fazem *bem* para a saúde?

— Eles enchem seu estômago de gordura para que, quando o apocalipse chegar, você esteja preparado. Nós iremos viver por mais tempo. O povo Tubby herdará a terra!

Dev fez um som do tipo “u-hu!”, mas começou a tossir por causa do molho de pimenta. Ele é um pouco obcecado com o apocalipse, ficou anos perambulando por cenários pós-apocalípticos, buscando objetos e lutando contra besouros gigantes no *video game*, o qual ele genuinamente considera seu “treinamento”.

Agora, ele estava com dificuldade de encontrar a chave da porta. Você perderia pontos por causa disso num apocalipse. Você também perderia pontos por usar óculos, mas eles são parte importante do Dev. Ele tem um QI de aproximadamente 146, de acordo não somente com o psiquiatra que o visitou quando tinha 4 anos, mas também com alguns questionários interativos que ele fez na televisão, o que me deixa orgulhoso dele quando estou bêbado; entretanto, você nunca acharia que ele tivesse *perto* dos 146 ao conversar com ele. Ele se inscreveu em quatro das muitas temporadas da série *O Aprendiz*, mas por qualquer razão eles ainda não responderam satisfatoriamente para esse sócio de uma loja de *video game* sem muita importância da Caledonian Road.

Seria fácil afirmar que Dev tinha uns 14 anos. Seus interesses, seu modo de agir com as garotas e até sua aparência. Olha só, quando Dev tinha 14 anos, seu avô morreu, e isso causou um enorme impacto em sua vida. Não por ter sido um trauma emocional, embora também o fosse, mas porque o pai do Dev não gostava de ver dinheiro sendo desperdiçado. E no ano anterior, Dev tinha começado a notar que ele não era como as outras crianças. Apenas coisas pequenas — não era capaz de ler uma placa, dizer as horas e, persistentemente e com grande talento, caía da cama. Ele era míope.

O pai dele é um homem de negócios. Seu pai pensava: por que pagar por armações, quando as armações estavam claramente prontas e disponíveis de graça?

E, então, Dev ganhou as armações de seu avô. De seu *avô*. Literalmente três dias após o funeral. Tinha lentes novas, é claro, mas feitas pelo amigo de seu pai, na Whitechapel Road, com um plástico barato e desgastado. Dev passou os quatro anos seguintes sendo ridicularizado por todos por ter um rosto de menino e usar óculos de um velho. Ele tentou deixar o bigode crescer para compensar, mas isso fez com que parecesse um ditador em miniatura.

E ele nunca comprou óculos novos. Por que deveria? Ele encontrou seu estilo. E nesses dias os óculos estavam funcionando a seu favor. Na universidade, a princípio, eles eram considerados estranhos, a armação preta e grossa no rosto de um menino esquisito, mas eles foram tidos como excêntricos no primeiro ano, descolados no segundo ano e, ele esperava, um ímã de mulheres no terceiro.

(Mas eles não eram.)

Mais tarde, quando adicionou a eles o cabelo, que ele não aceitava que sequer falássemos que devia cortar, e as camisetas que ele ganhava ou comprava pelo eBay por R\$ 1,99, esses óculos berravam confiança. Esses óculos, bem, eles berravam “Dev”.

As garotas estrangeiras que não conseguiam entendê-lo, mas apreciavam jaquetas brilhantes, gostavam de seu estilo.

—Vamos! — ele disse diante da porta, batendo com força no corrimão, com a mão fechada enquanto subíamos cambaleando as escadas. — Eu sei o que te deixará animado.

No apartamento, Dev jogou seu *kebab* na mesa e foi para a cozinha, onde começou a mexer nos armários mudando as coisas de lugar.

Caminhei para o meu quarto, peguei o *laptop* e fiz cara de determinado.

Talvez eu *devesse* fazer isso, pensei. Apenas delete-a. Vamos! Esqueça as coisas. Seja homem. Seria fácil! E, então, liguei o computador sem aquela dor maçante. Aquela antecipação de talvez encontrar alguma coisa ruim. Eu poderia prosseguir a minha vida.

Ouvi Dev gritar “A-ha!” enquanto eu acessava a internet.

— Encontrei, Jase! A melhor garrafa de *Jezynowka*! Conhaque de framboesa! Que tal a gente conectar o N64, beber *Jezynowka* e jogar *007 contra GoldenEye* até de madrugada?

Mas eu não estava ouvindo. Não mesmo. Eu estava apenas adivinhando o que ele estava dizendo. Ele poderia estar dando pancadas nos vasos e compondo músicas racistas para tudo, porque eu estava paralisado, chocado e não sei mais o quê, pelo que vi na tela.

Uma palavra desta vez.

Uma palavra que foi como um chute nos dentes, um soco na minha esperança e uma ridicularização da minha família.

— Jase? — Dev disse, de repente ele estava lá, na minha frente. — Você quer ser James Bond ou Natalia?

Mas não dei bola.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas e pude sentir cada pelo do meu corpo, porque tudo que conseguia ver eram as palavras “Sarah Bennet está...”; e então a última palavra, aquela assassina, aquela palavra completamente e absolutamente *terrível*.

